Anno 1.º — Quinta-feira, 12 de Outubro de 1911 — Numero 36

A LIBERDADE

Jornal Republicano

Composição e Impressão — TYP. SILVA (a vapor)
AVEIRO

Director, proprietario e editor
ALBERTO SOUTO

Redacção e Administração — Avenida Bento de Moura
AVEIRO

MUSEU AVEIRO BIBLIOTECA (Avença)

BASTA!

Os conspiradores bateram-nos á porta.

Essa ignobil gentalha que a paiz estrangeiro se acoitou para atacar a sua Patria, poisou pé em terra portuguêsa.

Dentro do paiz foi descoberto um plano largo de conjura que ameaçava, pelos mais repugnantes meios, subverter a Republica.

Entrava em acção o suborno, o punhal, o dynamite, a tala, o facalhão, o descarrilamento de comboios com os passageiros incautos.

Tudo o que ha de mais infamante era utilisado por essa quadrilha de bandoleiros para fazerem o saque á nação.

Cortaram-se linhas ferreas momentos antes de passarem comboios cheios de passageiros; procurou-se comprar empregados e soldados; planeou-se o envenenamento de officiaes; assassinaram covardemente pelas costas um guarda fiscal, exemplarissimo chefe de familia, grande coração e grande português.

Tudo isto se fazia em nome de Deus e do Rei. Em nome da Santa Religião e em nome da restauração de uma monarchia de gatunos.

O mais nefando dos crimes, a mais vil e abjecta acção humana, tudo, tudo! se fazia em nome d'esse Deus e d'esse Rei.

Que rei é esse que nos queriam impôr os facinoras, que assim suborna, que assim atraiçoa, que crava um punhal e mata pelas costas, que envenena officiaes, corta linhas ferreas, põe em risco a vida de milhares de innocentes, dynamita as pontes, ataca cidadãos indefezos, saquea e rouba?

Que Deus é esse em nome do qual se praticaram as mais asquerosas infamias, os mais revoltantes crimes?

Que religião é essa que assim é invocada para o exterminio e para a banditagem?

E' o rei traidor poltranete e beato Manuel de Bragança; é o Deus do jesuita e do beato falso, o deus do padre malandrim e devasso, o deus da reacção e do clericalismo, o deus dos exploradores da crença e dos envenenadores dos espiritos; é a religião da canalha criminosa; a religião do salteador supersticioso da Calabria, é a religião da Inquisição e do exterminio, é a religião dos fanaticos de D. Miguel, a religião que pregou Christo na cruz e lhe encheu a bocca de fel, a religião que fez a matança de S. Barthelemy, a religião que partia ossos e queimava carnes humanas nos carceres e nas fogueiras de Loyola, a religião que amaldiçoava os innocentes filhos dos liberaes e mandava apertar o pescoço ás mulheres gravidas, que prégava dos pulpitos que não escapasse nenhum *malhado*, nem mulher de *malhado*, nem filho de *malhado*; a religião que queimou Geordano Bruno e o Judeu, Saranarola e João Hurr; que fuzilou Ferrer, e oprimiu as consciencias, impediu o progresso da sciencia, o desenvolvimento, a liberdade e a emancipação das nações!

Quem é esse rei?

E' um Napoleão? é um Victor Manuel? é um Pedro V?

Não; é um Manuel de Bragança, beato, sacristão e traidor cobarde.

Quem é esse Deus?

E' o Deus bondoso, o Deus justo que Christo ensinou a amar? não; é o Deus espantalho dos histriões, o Deus assassino dos assassinos, o Deus pagão criminoso e oppressor que os criminosos e os oppressores inventam para satisfazerem seus desejos e amedrontarem os povos timoratos.

Que religião é essa?

E' a religião de Jesus, a religião das doze taboas do Sinai e a religião do Sermão da Montanha?

E' a religião d'aquelle dulcissimo Rabi da Galiléa, de cabellos louros e olhos azues que fallava com as creanças e perdoou á Magdalena? é a religião d'aquelle Christo que mandou dar a Cesar o que era de Cesar e a Deus o que era de Deus? é a religião de aquelle meigo Nazareno que mandou Pedro metter a espada na bainha e se deixar crucificar sem um protesto?

Não; é a religião dos sacerdotes que crucificaram o proprio Jesus; a religião dos padres exploradores; da mentira, da violação, da morte, do sangue, do veneno, da traição, do rancor, do vicio e do crime.

Pois então, guerra sem descanço, guerra sem treguas, guerra de exterminio aos aulicos d'esse rei garotoide, de esse Deus pagão, mentiroso e falso, d'esse jesuitismo quadrilheiro e assassino, d'essa religião falsificada, seita de apaches e de bandoleiros, sem alma, sem coração e sem consciencia, que anda a perturbar a vida d'uma nação inteira e a felicidade de innumeras familias, a paz e o socego de todo um povo que quer ser livre e que quer trabalhar, livre de ladrões e livre de parasitas.

* * *

Generosidade? contemplações? branduras? acabaram.

D'uma vez para sempre.

Nem dó, nem piedade para com criminosos de tão baixa especie.

Temos muitas vezes prégado a paz, a generoridade, a brandura compativel com a energia e com a ordem.

Pois não póde haver mais contemplações para quem queria despenhar na mais horrorosa das mortes, comboios cheios de cidadãos innocentes e indefezos, para quem assassinou pelas costas, para quem queria envenenar e matar á traição.

Não póde haver mais paz, nem generosidade, nem brandura para quem atraiçoou a sua Patria. Para quem pretende restabelecer um regimen morto pelos seus crimes e afogado pela sua lama. Para quem corresponde a uma generosidade nunca vista, á mais conscienciosa das humanidades, qual foi a do 5 de outubro e da Republica, com a conjura da mais requintada selvageria, da mais vil traição, do mais nefando crime. Não póde haver contemplações para quem de tão infame maneira attenta contra a ordem publica, contra a tranquilidade do paiz, contra o Estado legitimamente estabelecido, contra a vida de uma nação.

Não póde haver nem a sombra de uma contemplação contra quem para nos combater appellava para a *foice, a faca, o cajado, a navalha, o incendio, o veneno, o tiro, as pedras, as unhas e os dentes, de frente, pelas costas, ao voltar das esquinas, de toda a maneira!*

Essa anarchia demagogica, beata, fanatica e assassina, precisa um castigo exemplar.

Faça-se d'esta vez a limpeça que se não fez em 5 de outubro! Basta de comiserações. Que nem um innocente soffra! E que aquelles que innocentemente forem incommodados por um erro de justiça nos perdoem a nós, amaldiçoando os desordeiros causadores do mal que soffrerem.

Mas que nenhum criminoso escape! Que nem um só implicado fuja!

E' tempo, agora mesmo, de ir a essas repartições e pôr fóra a thalassaria que lá se anicha ainda; é tempo de com toda a escumalha monarchica que por ahi ficou e fazer de vez a Republica.

Um paiz agitado, como o nosso, por uma censura demagogica e anarchica, como era essa conspirata reaccionaria, por uma incursão de traidores e bandoleiros, na organisação de um regimen, no começo de uma vida de regeneração, precisa de energia, carece de pulso firme.

A anarchia, a desordem, a falta de segurança e tranquilidade, paga se cara na vida das nações.

Que o governo faça essa obra de repressão e saneamento immediatamente, sem uma hesitação!

E se fôr preciso audacia, clame-se como S. Just—*Ousai!*

Alberto Souto,
Deputado.

NA GUARDA FISCAL DE AVEIRO

Os soldados, cabos e sargentos offerecem ao seu commandante uma bandeira nacional

Uma festa simples e de alto valôr patriotico a que teve logar na manhã do dia 5 de outubro no quartel da Guarda Fiscal em Aveiro, onde n'esse dia se reuniram perto de 40 soldados.

Por subscripção entre si, os sargentos, cabos e soldados da Guarda Fiscal adquiriram uma grande bandeira para içarem no seu quartel nos dias solemnes. No dia 5, anniversario da proclamação offereceram-a com uma patriotica mensagem ao seu commandante, o distincto official do exercito e nosso querido amigo, snr. Tenente Costa Cabral, assistindo tambem o snr. Governador Civil, dr. Mello Freitas.

Essa festa que foi uma gratissima surpreza para o snr. Tenente Cabral, sensibilisou profundamente quantos a presenciaram e demonstra o civismo, a disciplina, o amor á Republica e a dedicação ao seu commandante de todos os nossos guardas fiscaes.

Felicitamos a corporação e o seu commandante por tão sympathica ideia.

Por haver creaturas que no governo estão hesitantes e demasiadamente benevolas como que pedindo desculpa aos adversarios de cumprirem o seu dever, é que ha hoje talvez quem se levante contra a Republica.

Affonso Costa.

Pela Patria e pela Republica

O bravo 24 de Infantaria volta para a Fronteira dois dias depois de entrar no seu Quartel

No dia 5 de outubro recebia-se em Aveiro uma triste nova.

O 24 ia partir apressadamente para a Fronteira, fazer frente ás hostes dos sicarios de Paiva Couceiro que n'esse dia tinham feito uma incursão em direcção a Bragança.

A partida d'esses nossos amigos, d'esses nossos queridos soldados, veio tirar ás nossas festas o enthusiasmo com que haviamos acordado ao som da Portuguêsa.

Não era o receio da incursão, nem da quadrilha de bandoleiros.

Não era o temor de vermos a Republica em perigo ou de ouvirmos á nossa porta as ferraduras da ciganagem monarchista.

Era apenas o desgosto de vermos auzentarem-se da nossa terra, esses seus queridos filhos que tanto e tanto a enobrecem.

No entanto uma consolação nos encheu a alma. O 24 ia na mais honrosa das missões! O 24 era escolhido entre muitos para se ir bater pela Patria e pela Republica!

O 24 tinha conquistado tal fama de bravura, de disciplina, de ordem, de abnegada dedicação pelas instituições implantadas em 5 de outubro com o sangue do Povo, que o 24 era o primeiro dos corpos a marchar ao encontro dos bandoleiros!

Os nossos destemidos amigos, apezar de esperarem a todo o instante a ordem de marcha, incorporaram-se ainda no cortejo civico, possuidos do maior enthusiasmo.

A despedida do 24 foi uma apotheose

Perto das 5 horas da tarde chegava á estação do caminho de ferro o brioso batalhão expedicionario.

As gares, caes e ruas da estação estavam cobertas por uma multidão imensa, como nunca vimos na estação de Aveiro.

Todo o povo que assistia ás festas se juntou n'aquella hora na gare.

Desde o quartel até á estação o 24 foi victoriado com um delirio nunca visto. Os vivas, as palmas eram ininterruptos. Na estação foi grandioso, emocionante, extraordinario o espectaculo da chegada dos soldados.

Até á partida do comboio nunca cessaram as manifestações, entre os abraços de despedida e os mais calorosos vivas á Patria, ao 24, ao exercito e á Republica.

O enthusiasmo cresceu loucamente, attingiu o delirio, nos soldados e no povo, quando um grande grupo de conhecidos republicanos, tendo á frente os deputados dr. Manuel Alegre, Moura Pinto, Marques da Costa e Alberto Souto, correram as carruagens soltando vivas a todos os soldados, que aclamaram estrondosamente a Republica.

Quando o comboio se poz em marcha, a ovação foi colossal. Officiaes, sargentos, soldados, nunca vimos nas mais grandiosas manifestações a que temos assistido.

O povo nas gares e linhas aclamou o 24 freneticamente até o comboio desaparecer.

Feliz viagem! Que voltem cobertos de gloria, como vão cobertos de bençãos, de saudades e de esperanças!

A sua terra, o seu povo, os seus amigos e a Patria inteira confiam no seu patriotismo!

* * *

O batalhão ia assim composto: commandante, o major José Domingues Peres; ajudante, o tenente Mario Mourão Gamellas; medico o capitão dr. Zeferino Borges; provisor, o tenente Ferrão.

1.ª companhia: capitão Costa, tenente Ruella e tenente Nobre de Figueiredo.

2.ª, capitão Pedreira, tenentes Brandão e Barnabé.

3.ª, tenentes Matheus, Camossa e Figueira.

4.ª, tenentes Colen Godinho, Dias de Carvalho e alferes Razoilo.

Iam tambem os cadetes nossos patricios, snrs. Francisco Maria Soares e Carlos Canelhas.

O snr. tenente Mourão Gamellas offereceu-se para marchar com o seu regimento.

Partiu tambem, orgulhoso da nobre missão, cheio de enthusiasmo, como todos os seus camaradas.

* * *

Vinhaes, havia sido occupada como se sabe pelos traidores.

Em 7 ficava já em poder das nossas tropas.

Em 8 ás 11,40 da manhã era de lá expedido, entre outros, o seguinte telegrama pelo distincto comandante do batalhão do 24 e nosso querido amigo, snr. Major Peres:

Vinhaes, 8 ás 11 e 40 da m. GOVERNADOR CIVIL — AVEIRO. — Batalhão meu comando vae ao encontro do inimigo da nossa querida Republica. Saudo em Vós o povo do concelho, agradecendo do coração seus cumprimentos e despedidas dos amigos.

Peres—Major.

Acabou a famosa politica de attracção?

— «Acabou porque o paiz não póde estar á mercê de uma reduzida minoria de monarchicos»

diz ao enviado do «Times» o snr. João Chagas.

«Até ao presente, a politica da Republica tem sido revestida d'uma grande paciencia e tem tendido a chamar os monarchicos a cooperar na obra governativa do novo regimen, para o bem estar e prosperidades de Portugal. Essa politica, porém, acabou. De ora ávante o governo não usará, para com os inimigos da Republica, de indulgencia de especie alguma, pois que o paiz não póde continuar á mercê das machinações dos *complots* d'uma reduzida minoria de monarchicos».

D. Carolina Beatriz Angelo

Falleceu em Lisboa esta distincta medica e propagandista do livre-pensamento, que foi tambem uma esposa e cidadã exemplar.

D. Carolina Beatriz Angelo foi a primeira mulher portugueza que exerceu o direito de voto, votando nas ultimas eleições de deputados e primeiras da Republica.

O 5 d'Outubro no districto

Em todos os concelhos do nosso districto foi festejado condignamente e com alegria o anniversario da Republica.

Em **Estarreja** houve musica e manifestações nas ruas, offerecendo a junta parochial d'alli, que conhecemos por ser modelar na administração e zelosa pelos negocios parochiaes, um bodo aos pobres. O mesmo fez o Centro Republicano de Veiros.

Em **Ilhavo** tocou a musica nas ruas e a benemerita Meza da Irmandade do Santissimo e Almas, a que preside o nosso dedicado correligionario e amigo, snr. Manoel Marques de Carvalho, inaugurou n'esse dia a sua Cantina Escolar, dando no salão do theatro o primeiro jantar ás creanças pobres e orphãs que protege, fallando o professor Julio Catharino e o dr. Joaquim da Costa Carvalho.

Em **Agueda** houve ruidosas manifestações e festas, bem como em todas as outras villas e em muitas freguezias do districto.

Interesses locaes

O NOVO QUARTEL

—(*)—

O voto dos senhores 16 dos 40 maiores contribuintes.

A ultima razão dos senhores 16—a mudança do plano estrategico.

Como se pensa resolver a questão sem nada se ficar devendo aos grandes amigos de Aveiro!

Com demorada paciencia analysamos no nosso ultimo numero a atitude d'aquelles senhores 16 dos 40 maiores contribuintes que votaram contra o emprestimo para a construcção do novo quartel.

Aqui demonstrámos o muito interesse, a incançavel actividade que suas excellencias teem provado sempre e em todas as conjuncturas pela cidade.

Vimos o muito que suas excellencias costumam fazer e o mais que sabem fazer—cruzar os braços.

Vimos as estradas, a ria, a barra, o rebocador, os serviços municipaes, as exemplares finanças da camara, o districto solidario, unido e agradecido á sua capital pelos beneficios d'ella recebidos.

Vimos ainda as instituições populares, as escolas, gymnasios, cantinas modelares, a instrucção industrial, agricola etc. etc., todas essas maravilhas que ahi se veem, elementos de desenvolvimento, fontes de progresso, mananciaes de riqueza com que os senhores 16 dos 40 maiores contribuintes que votaram contra o novo quartel teem dotado esta felicissima terra, mais feliz ainda por os contar como seus grandes amigos.

Vimos o descalabro da administração do paiz e da administração do nosso municipio correndo de vento em pôpa sem uma palavra de protesto de nenhum d'aquelles que tão desembaraçados se mostram agora em reprovar um emprestimo para obra de tanto alcance e utilidade.

Os interesses da cidade, no concelho e do districto e a imbecilidade que representaria deixarmos sahir de Aveiro qualquer dos regimentos que hoje aqui teem a sua séde, por lhe não fornecermos quartel.

Esse regimento, passando para outra localidade, logo ahi seria dotado com acomodações devidas, porque em nenhuma outra terra se passa o que em Aveiro se vê, e então nunca mais tal regimento voltaria a Aveiro, derivando d'aqui interesses e movimento e deslocando incomodamente para longe os mancebos das localidades visinhas que naturalmente preferem ficar aqui, junto das suas casas, a irem para terras alheias e afastadas receber a instrucção militar.

Vamos ao ultimo argumento.

A mudança do plano estrategico. Sim senhores, a mudança, a variabilidade do plano estrategico de defeza, e da guarnição militar do paiz, portanto, é razão atendivel, que se tem de estudar e que nos deve pôr de sobre-avizo para não cahirmos precipitadamente em erros de futuro irremediaveis.

Ninguem ignora que a estrategia varia de momento para momento.

Era bem differente a estrategia das legiões romanas da estrategia das nossas conquistas. Bem differente a tactica militar d'esses tempos d'aquella que presidiu já aos conflictos dos fins do seculo 18 e do primeiro quartel do 19. Bem differente a estrategia de então da estrategia moderna que a par e passo se modifica com a invenção de um novo canhão, de um novo explosivo, de uma couraça mais resistente, de um torpedo de mais raio, de um melhor telegrafo, com o aparecimento de novas doutrinas, correntes e politicas militares, etc. etc. etc.

Quem hoje para defender o paiz começasse a construir castellos ameados, fortalezas de elevadas e grossas muralhas, etc. etc., seria um louco precisando do internato de Rilhafoles, e assim por deante.

Sabe-se perfeitamente que cada ministro tem, de ordinario, o seu plano novo e que não é por falta de planos que o paiz está mal guarnecido e defendido. Em Aveiro, por exemplo, já esteve cavallaria; depois foi a cavallaria e veio a infantaria; agora volta novamente a cavallaria.

Durante muito tempo não se ligou importancia á nossa região sob o ponto de vista militar, no estudo de defeza do paiz. Hoje parece reconhecer-se que é um ponto admiravel de concentração de tropas para centro de operações no norte e centro e tanto assim que os conspiradores tinham no seu plano apoderarem-se de Aveiro, como chave da região do norte do Mondego.

Mas tambem os francezes julgaram que o Bussaco era a chave de Lisboa e apanharam por isso uma formidavel trépa, quando tinham meios de seguir caminho, torneando.

Tambem a França se enganou na politica naval e hoje está soffrendo as consequencias do erro de se deitar a construir grande numero de pequenas unidades.

Mas quem falla n'isso? quem invoca a estrategia? quem appella para o plano de defeza? quem pede a construcção do quartel porque elle seja necessario á nova tactica militar?

Ninguem.

O regimento e o quartel são aqui precisos por causa da instrucção militar e do serviço militar obrigatorio.

defeza. Pensemos apenas n'isto, que é simples, claro como agua — Aveiro é capital de um districto, centro de uma região importante.

Decretado o serviço militar obrigatorio, precisa de dar quartel ao maior numero possivel de mancebos da sua circumscripção.

Os outros districtos, as outras terras farão o mesmo.

Está deitado abaixo com duas palavras apenas—a divisão natural e administrativa — o argumento da variabilidade da estrategia que nada tem com o quartel que é preciso arranjar-se em Aveiro.

Póde variar a tactica dos ministros, pódem mudar os planos do Estado Maior; o que não varía é, para a instrucção militar, a posição natural da cidade.

O quartel é, pois, indispensavel. seja por que maneira fôr, sob pena de uma vez para sempre ficarmos postos ao lado, sempre e em tudo, como até hoje temos estado, sem o protesto dos senhores 16 dos 40 maiores contribuintes.

Nova solução

De nada importava o voto meramente consultivo dos 40 maiores contribuintes para se levar a effeito essa obra de capital importancia para Aveiro. Sobretudo, porque foi tão falha de razões a negativa dos 16 quarenta maiores, que ninguem teria rebuço em ir para a frente e lançar o emprestimo, que seria approvado pela junta districtal e, apesar do sacrificio, pela opinião desapaixonada do concelho e por todo o povo amante do progresso da terra.

Democraticamente, entretanto, competia aos cidadãos bem intencionados que estão no municipio procurar a solução que mais se harmonisasse com o voto dos senhores 16.

Para esse fim reuniram no gabinete do snr. governador civil, dr. Mello Freitas, com o vogal presidente da Camara, snr. Manuel Augusto da Silva, os snrs. coronel Alexandre Sarsfield, coronel Antonio Augusto da Silva, muito dignos commandantes dos regimentos aquartelados em Aveiro; engenheiro Daniel Gomes de Almeida, deputados Marques da Costa e Alberto Souto, para trocarem impressões e resolverem a melhor fórma de solucionar a questão, que é da maior urgencia.

Apresentados varios alvitres, assentaram todos em que a melhor solução seria a que em tempos apresentou o engenheiro snr. Daniel Gomes de Almeida, então vice-presidente da Camara.

Segundo o seu parecer, o asylo passaria para o convento de Jesus ou para uma casa alugada. O regimento de infantaria 24 ficaria com o seu quartel no edificio dos asylos. No convento de Jesus far-se-iam as obras necessarias para a boa adaptação do edificio á instituição asylar.

Havia a difficuldade posta, por um evidente equivoco, pelo snr. dr. Rodrigo Rodrigues, quando governador civil, de que o edificio dos asylos pertence ao districto.

Foi rebatida esta opinião, pois o edificio pertence exclusivamente ao Estado.

O districto não tem autarchia que o represente. A junta districtal existente pelo codigo em vigor e pelo que anteriormente vigorava não é mais do que uma estação tutelar.

Nada ha que represente o districto e possua em seu nome como a Camara possue em nome do municipio, a junta de parochia em nome da parochia, o Estado em nome da nação.

O edificio pertence ao estado. O estado que o applique a quartel.

A camara de Aveiro o mais que póde fazer, com immenso sacrificio, sacrificio que no entanto gostosamente faz, é offerecer ao estado temporariamente habitação para os asylados.

O edificio do Convento de Jesus está no entanto occupado já pelo muzeu, pelas escolas e habitações de professores, cuja remoção seria agora difficil e embaraçosa, senão impossivel.

Acceite no entanto pelo governo a solução apresentada, a camara procurará edificio particular onde os asylos se póssam instalar convenientemente.

A nossa opinião

Seja-nos licito dizer tambem a nossa opinião sobre o assumpto.

Intendiamos que se adaptasse, a seu tempo, convenientemente o edificio do convento a asylo e que se levantasse um emprestimo que seria muito menor do que o necessario para o quartel, para construir um edificio apropriado para as escolas primarias e normal ou primaria superior, gymnasio municipal e habitações de professores e para se liquidarem as dividas da camara.

A economia resultante da supressão das rendas de casa e subsidios para esse fim da escola normal e professores primarios, o que anda por perto de 700$000 réis annuaes, segundo as informações que ha dias nos prestou o Inspector primario e nosso amigo snr. Cerqueira, viriam atenuar muito o peso d'esse emprestimo. Ao mesmo tempo que se regularisavam as finanças camararias, dotava-se a cidade com mais um edificio ou edificios novos que poderiam ser elegantes e embellezar algum ponto da cidade e dava-se dinheiro a ganhar aos nossos artistas, ficando então as escolas com instalações que poderiam ser modelares.

Desacompanhados dos innumeros collegas de imprensa que ahi muito se interessam pelos melhoramentos da terra, continuaremos tratando do assumpto sempre que se nos offereça occasião, até que lhe seja dada uma solução harmonica com os interesses locaes, com os interesses do municipio e do districto e com os brios d'esta terra.

* * *

Para registar elogiosamente são as palavras dos illustres commandantes do 24 e do 8, na reunião do Governo Civil, ambos affirmando o desejo de tornarem faceis todos os meios de se resolver o assumpto e de collaborarem gostosamente em tão importante questão para a cidade.

A elevação do nosso Lyceu a central

Apoiando a bem elaborada representação da Camara Municipal pedindo que o lyceu de Aveiro possa funccionar como central, foram enviados para Lisboa os seguintes telegrammas:

Das commissões municipal e parochiaes para os snrs. ministros do interior e do fomento;

Do deputado Alberto Souto, para o snr. ministro do interior;

Da associação commercial e industrial para o snr. ministro do fomento;

Das juntas de parochia, para o snr. ministro do fomento.

Veremos se vae d'esta e se se remove essa difficuldade do internato que é um dos muitos impecilhos e uma das muitas inutilidades vistosas sahidas do primeiro ministerio do interior.

Não faça o governo leis de excepção, não estabeleça tribunaes especiaes, não fuzile ninguem, mas applique severamente a lei. Os que estão presos por conspirar contra a Republica teem gozado de todos os favores da politica de attracção, fazendo livremente actos condemnaveis, recebendo vizitas, dando-se a luxos de todas as naturezas e a todos os prazeres, até ás satisfações da carne!

E' preciso que isso acabe, pois o momento em que se descobre uma conspiração, que certamente tem ramificações, não é o mais proprio para benevolencias.

Affonso Costa.

COLLABORADORES

Com as ferias, os acontecimentos politicos, a temporada de praias e as festas, alguns dos nossos mais valiosos cooperadores nos teem deixado sós nos trabalhos da *Liberdade*.

Ruy da Cunha e Costa, que tem estado a veranear na Costa Nova, voltará em breve com os seus vivos artigos, como bom filho de peixe que sabe nadar tambem.

Antonio Maximo depois de flanar pela Barra durante algumas semanas e de vêr extinctos os ultimos ecos das festas em Lisboa, não tardará tambem a preseguir com as suas apreciaveis e agudas Notas Soltas.

QUESTÃO DA CURÍA

Do senador Albano Coutinho recebemos o pedido de publicação da extensa defeza que da sua pessoa vem fazendo na *Bairrada Livre*.

Não a publicamos, não só porque não publicámos tambem a pormenorisada accusação que ao snr. Albano Coutinho foi feita no Parlamento, mas ainda porque referencias ha n'essa defeza a algumas entidades, que nós de fórma alguma poderiamos inserir no nosso jornal.

Além de que está nomeada uma commissão parlamentar para syndicar do caso e das responsabilidades legaes e moraes do snr. Albano Coutinho.

Julgamos que o interessado tem o dever de esperar a resolução d'essa commissão para com ella se defender e até lá defender-se apenas perante a mesma commissão.

Nós, que haviamos formado já a nossa opinião sobre esse negocio e que tencionavamos até expol-a aqui, não o fizemos por aguardarmos o resultado do inquerito da Commissão Parlamentar. Julgamos que o mesmo e muito mais incumbe ao snr. Albano Coutinho.

O senado entendeu que o snr. Albano não devia voltar a tomar assento no seu fauteil sem a questão estar liquidada.

O bom senso entende que o snr. Albano deve esperar cá fóra, no silencio, esse mesmo veredictum.

E talvez muito mais ganhe com isso do que andando a fazer defezas desgraçadas atacando os outros sem se defender a si, como fez no Parlamento e como continua fazendo na imprensa.

No emtanto estamos promptos a publicar ao snr. Albano Coutinho um resumo da sua defeza, desde que não venha apenas atacar os outros e se limite a citar factos e a defender os seus actos proprios.

Promettemos tambem publicar o veredictum da Commissão Parlamentar, que muito desejariamos illibasse o snr. Albano de todas as suspeitas, pois nenhum prazer sentimos em ver manchada a reputação de um homem que conta 40 annos de activa vida republicana, como nos custa sempre ter de ferir com a espada da Justiça um correligionario, seja elle um pobretana da rua, seja elle um director da Empreza das Aguas da Curía.

O 5 de Outubro em Aveiro

Fielmente se cumpriu o programma das festas que haviamos dado e que anteriormente fora distribuido.

A festiva e gloriosa data do anniversario da proclamação da Republica foi condignamente celebrada pela cidade de Aveiro que n'esse dia honrou mais uma vez as suas tradições de berço da Liberdade e reducto anti-clerical.

Sem notas desagradaveis, as festas correram em paz, embora a noticia da incursão dos paivantes e sobretudo a ordem de partida do 24 viessem causar uma má impressão no espirito publico.

No entanto os festejos foram até final, correndo tudo na melhor ordem e sendo grande a concorrencia de povo, principalmente á passagem do cortejo e ao festival na ria.

No dia 4 houve o concerto no Jardim pelas bandas do 24, Bombeiros Voluntarios e José Estevam, queimando-se girandolas de fogo e estando illuminadas as arvores da avenida central com balões venezianos. No dia 5, alvorada. A's 9 horas começou o bodo aos pobres offerecido pela Junta de Parochia da Vera Cruz no campo do Rocio, sendo o impressionante acto de benemerencia muito concorrido.

A's 11 e meia chegou ao Rocio o Batalhão de Voluntarios, marchando com todo o garbo, para receber a bandeira que lhe ia ser offerecida pela commissão de tricanas a que já nos temos referido.

A' cerimonia, para a qual se havia erguido um estrado no largo do Rocio, presidiu o snr. coronel Antonio Augusto da Silva, dignissimo commandante do 8 de cavallaria, tomando logar na tribuna o snr. governador civil dr. Mello Freitas, commissão de tricanas, presidente da camara, officiaes do 8 e do 24, deputados presentes, etc., etc., assistindo além do Batalhão Voluntario um contingente de soldados de cavallaria 8, sargentos e muito povo.

Uzaram da palavra os snrs. dr. Mello Freitas que elogiou a commissão de tricanas, fazendo o elogio da gentil e graciosa mulher de Aveiro e terminando por um appello patriotico aos portuguezes para defenderem a Republica.

O snr. dr. Mello Freitas foi largamente applaudido, seguindo-se o deputado Alberto Souto, que em palavras de paz fez a apologia da Terra e do Mar, da Arvore e do Sol, como elementos essenciaes na formação do caracter nacional e fontes da belleza e do encanto da terra portugueza. Da Terra e do Mar eram feitos os nossos corpos, as nossas almas, a nossa historia; da côr verde da arvore e do campo e da côr rubra das auroras e dos poentes era feita a bandeira da Patria e da Republica, que era preciso defender até ao ultimo globulo do sangue das nossas veias.

As suas palavras foram coroadas com applausos, soltando-se enthusiasticos vivas á Patria, á Republica, ao exercito e ao Batalhão Voluntario, tocando a banda regimental a *Portugueza*.

O cortejo civico organisou-se ás 2 horas da tarde na parada do quartel, sendo muito concorrido.

N'elle se encorporaram todas as auctoridades civis e militares, commandantes, officiaes, sargentos e praças do 8 e do 24, marinheiros, associações locaes, Liga Naval de Ilhavo, com banda; asylos, professores, etc., etc.

Entraram no cortejo, que ia extenso e vistoso, 5 bandas de musica, executando o hymno nacional.

Em todas as ruas do percurso havia colgaduras ás janellas, ornamentações, etc.

A's 5 horas foi a despedida do 24, a que n'outro logar nos referimos, fazendo-se á noite as illuminações, que produziram magnifico effeito.

A illuminação da ria era um espectaculo feerico. Houve serenata, cantando muito bem e sendo muito apreciado o bando de tricanas e rapazes que entoaram as mimosas canções a bordo do pavilhão fluctuante illuminado, de um explendido effeito.

Fogo preso e imitação do de Vianna, musica, etc., etc.

Nas ruas marginaes da ria agglomerou-se uma enorme multidão, gosando o soberbo espectaculo do festival da nossa ria, que como nenhuma outra se presta a festas d'esta natureza.

E assim passou em Aveiro o primeiro anniversario da Republica, celebrado com festas ruidosas e com significativas manifestações de patriotismo e de amor á Republica.

NOVO CAFÉ-RESTAURANTE

Abriu no dia 5 um novo café-restaurante, na rua do Caes, que assim se chama—*Café-restaurante 5 de Outubro*, sendo muito visitado e concorrido.

Um soldado e um heroe

«Se tivesse mil vidas, *mil* vidas dava pela nossa querida Republica!»

dizia na ultima carta a sua mulher, o guarda fiscal assassinado em Chaves pelos bandidos do Couceiro.

Não acabaram os heroes em 5 de outubro.

O mesmo sangue portuguez girando nas veias de um soldado e de um republicano acaba de escrever nas paginas da historia dos filhos do povo um acto de heroismo sublime e de acrisolado sacrificio pela Patria.

Em Chaves, fazendo frente a um bando de setenta traidores que pretendia entrar na fronteira, o guarda fiscal, soldado n.º 57|7315 da 8.ª companhia, José de Carvalho, foi covardemente assassinado pelas costas, quando heroicamente se batia com os traidores da sua Patria e inimigos da sua querida Republica.

José de Carvalho achava-se isolado, só no seu posto, quando avistou os bandoleiros. Não recuou, não deixou um palmo do seu terreno ao inimigo.

Conservou-se alli, a pé firme, como um heroe lendario, affrontando a morte, mas cumprindo o dever com a maior nobreza, com a bravura dos maiores feitos da historia.

Fazendo fogo contra os bandidos, foi envolvido e assassinado com dois tiros que lhe deram pelas costas, de cima para baixo, entrando-lhe as balas pelo craneo, obliquamente.

Nem um palmo do solo da sua Patria elle deixou aos inimigos. Com vida e ao cahir, morto assim traiçoeiramente, vencido pelo numero esmagador dos malandrins, cobriu com o seu cadaver o chão que defendeu como um leão.

O seu sangue regou a terra bemdita que o gerou; esse sangue de martyr, de portuguez, de heroe, ha-de ser vingado, ha-de produzir fructos de civismo n'esta Patria!

A Patria e a Historia recolhem-lhe piedosamente o nome.

A sua memoria será lembrada, ensinando-se a grandeza do seu sacrificio ás creanças para que com o seu exemplo aprendam a sacrificar-se pela Patria.

A sua viuva e filhinho vae ser dada a pensão de sangue pela Republica. A Patria toma sob o seu manto o innocente que deixou e lança flores sobre a sepultura rasa d'esse bravo!

* * *

José de Carvalho nasceu em Chaves em 24 de abril de 1884, filho de um carpinteiro e de uma padeira, Francisco de Carvalho e Rosa Maria.

Em 1904, casou em Vizella Secca, alistando-se na guarda fiscal em 20 de novembro de 1905, em Santarem.

Em junho ultimo offereceu-se para fazer serviço na fronteira.

Foi sempre um apaixonado republicano e um soldado exemplar.

A grandeza da sua alma lê-se nas ultimas palavras que escreveu á esposa.

Essa carta arranca lagrimas. O soldado destemido e valente da Republica era um marido e um pae extremosissimo. Essa carta é digna de figurar nas escolas, nos livros de educação civica e nas lições de moral. Esse filho do povo, humilde como os mais humildes, abrigava no seio o maior dos corações!

* * *

Eis a ultima carta dirigida a sua mulher:

Soutelinho, 5 de setembro.—*Minha querida mulher*:—Muito estimo que ao receber d'esta mal escripta carta estejas de perfeita e feliz saude em companhia do nosso querido filho, pois eu estou muito gordo e com muita saude. Agora posso-te dizer que isto está muito mal por cá e que não nos podemos ver. Consta que no dia 6 ou 7 os malditos entram no paiz. Se tivesse mil vidas, mil vidas dava pela nossa querida Republica. Sabe-se que de Villela estão sessenta homens em Hespanha. Parece que entram no dia 7 de madrugada, mas não te afflijas, que eu não tenho medo de morrer. Se eu morrer peço-te perdão de tudo e dá muitos beijinhos ao nosso querido filho. Mas não te afflijas que eu não tenho pena de morrer; só tenho pena de não te tornar a abraçar e ao nosso filho. Não temos descanço nem de noite nem de dia. O que vale é que minha mãe e meu pae veem ver me a Soutelinho, porque a gente não póde d'aqui sahir para fóra. Agora o que te peço é que mandes logo resposta se recebeste 5$000 reis. Sabes que tenho cá o nosso retrato, o que a minha mãe tinha, e que trago para te ver e ao nosso filho. Não te agonies. Não devia mandar dizer o que se passa, mas não posso encobrir-te coisa alguma. Saudades a todos e tu e nosso filho aceitem muitos beijos, que eu não sei se tornarei a vel-os. Quero ainda voltar a Lisboa com gloria e paz. Viva a Republica e viva a Patria! Morram os *paivantes!*—Sou teu, *José Carvalho*.

* * *

Um mez depois este heroico soldado, este exemplar chefe de familia, este rigoroso cumpridor dos seus deveres de homem, de cidadão e de portuguez, era vilmente assassinado pelas costas por 70 bandidos, traidores á Patria Portugueza!

O numero litterario da «Liberdade»

Tinhamos promettido aos nossos leitores um numero litterario e artistico, sem politica, para ser lido á beira do mar ou á sombra d'um carvalhal fresco, nas tardes quentes de setembro.

O desastre que nos obrigou a baixar á cama durante alguns dias, não nos permittiu fazer sahir esse numero.

Entrementes, deram-se os acontecimentos politicos de todos conhecidos, veio o 5 de outubro e o Paiva Couceiro, e o numero promettido tem de ficar para quando houver mais socego, menos politica e menos conspiradores.

Dr. Ramada Curto

Esteve em Aveiro no domingo ullimo este nosso amigo e distincto deputado da nação, em missão politica do partido republicano democratico.

Ramada Curto foi convidado para realisar uma conferencia no Centro Republicano, não o fazendo por ser chamado telegraphicamente a Lisboa.

NOVO JORNAL

Começou a publicar-se em Aveiro mais um semanario. E' o *Cinco de Outubro*, republicano radical, redigido por um esperançoso moço — Alberto Fonseca—que é um democrata apaixonado.

Levantando aquillo em que diz não haver em Aveiro um só jornal que se não prenda com picuinhas pessoaes, que pela nossa parte desconhecemos, só temos a felicitar o seu redactor e a dezejar-lhe imensas prosperidades na defeza dos bons principios republicanos, do bem da Patria e dos humildes.

Pennas com tinta permanente

A

150 REIS

Souto Ratolla

COSTEIRA—AVEIRO

Leva de conspiradores

Acompanham-os até Lisboa os Voluntarios de Aveiro.—A passagem dos marinheiros. — Manifestações.—Na capital.

Os 34 conspiradores presos nas Carmelitas e em Jesus, seguiram á ordem do ministerio do interior, para Lisboa na ultima sexta-feira. Escoltava-os uma força de 60 praças do Batalhão de Voluntarios, comandada pelo alferes snr. Rebocho e aspirante snr. Antunes, com 2 sargentos e um corneteiro.

Os presos foram recolhidos no meio da força ás 10 horas da noute, no meio da melhor ordem, apezar de ser grande o numero de populares que se juntou a presencear a partida da leva e que a acompanhou até á estação.

Difficilmente se contiveram gestos de indignação contra os presos, tendo alguns republicanos imenso trabalho em impedir a explosão dos protestos do povo.

Os assobios e apupos que partiram quando os presos surgiram calaram se a pedido d'esses republicanos, do comandante da força e auctoridades, soltando comtudo, o povo, durante o percurso até á estação continuos vivas á Republica e morras aos traidores.

Emquanto esperavam o comboio para evitar manifestações e incidentes desagradaveis a leva ficou na sombra do armazem da estação, o que não impediu que os passageiros dos comboios, soldados de artilharia que passaram e depois os marinheiros, dirigissem morras aos conspirateiros e sahissem a vê-los.

Uma grande manifestação aos marinheiros

Quando se aguardava o comboio correio que deveria levar os presos para Lisboa, chegou o comboio especial com uma força de 400 homens da armada. O povo que enchia a gare fez-lhes uma grande manifestação, soltando vivas e palmas a que os marinheires corresponderam enthusiasticamente, saudando os republicanos e a cidade de Aveiro, a Patria e a Republica.

O snr. governador civil dr. Mello Freitas cumprimentou os officiaes, fallando ao povo o comandante, um sargento da marinha e um soldado do exercito.

Para evitar as manifestações dos marinheiros contra os presos, o comboio avançou, demorando adeante da estação, onde as aclamações continuaram até o comboio partir.

Embarca a leva

A's onze e um quarto chegou o comboio correio, fazendo-se o embarque com a maior ordem.

Quando o comboio partiu estalou uma trovoada de assobios e gritos de protesto contra os conspiradores, ao mesmo tempo que os Voluntarios eram freneticamente aplaudidos.

Em Lisboa

— Beije a bandeira da Patria, seu malandrete!

— Não beije, seu malandrete, que mancha a bandeira da Patria!

O comboio chegou a Campolide, onde se fez o desembarque, pelas 6 horas da manhã. A estação, apezar da hora, estava cheia de povo que esperava os conspirantes e contra os quaes arremetteu com tal violencia que a escolta e as forças de cavallaria foram impotentes para impedirem as violencias contra os presos, alguns dos quaes foram castigados pela multidão indignada.

Decerto que não applaudimos, mas reprovamos até, formalmente, estas manifestações. Ellas significam, no entanto, o movimento de repulsão, que vae na alma popular contra os inimigos da tranquilidade do paiz e a revolta que no povo produzem essas criminosas tentativas de restauração monarchica.

O dr. Athayde foi esmurrado por fazer um gesto menos decente.

Com certeza não teve vontade, n'essa occasião, de se pôr nú, como fez em Aveiro para receber a policia.

Um popular quiz que um preso beijasse uma bandeira que lhe apresentou.

— Beije a bandeira da Patria, seu malandrete!

Aprestava-se o preso para beijar a bandeira, quando de um salto outro popular lh'o impediu:—Não beije, seu malandrete, que mancha a bandeira da Patria!

O incidente fez rir, quantos o presenciaram.

Os presos foram escoltados depois por uma força de cavallaria para o forte do Alto do Duque, onde ficaram.

Os Voluntarios de Aveiro são aclamadissimos

Pelas ruas do trajecto até ao quartel do 16, os nossos Voluntarios foram delirantemente aclamados. Os Voluntarios visitaram as redacções do *Mundo*, *Seculo* e *Lucta*, sendo photographados no *Seculo*. Espalharam-se depois pela cidade vendo as festas. Voltaram no domingo á noite, tendo no Rocio, á sua despedida uma grandiosa manifestação.

Os Voluntarios de Aveiro, dos mais bem instruidos e que melhor se apresentam de todo o paiz, deixaram em Lisboa a melhor das impressões, fazendo-lhes a imprensa elogiosas referencias.

NOTAS PESSOAES

Retiraram das praias do nosso litoral muitas familias d'esta cidade e arredores. Entre ellas contamos as seguintes:

Arnaldo Ribeiro, esposa e filhos; Ruy da Cunha e Costa, esposa e sua ex.ma mãe; Agapito Rebocho e familia; dr. Alvaro de Moura e familia; dr. Antonio Carlos da Silva Mello Guimarães e familia; dr. Eduardo de Moura e familia, a Eixo, e dr. Diniz Severo e esposa, a Eixo.

— Encontra se em Lisboa o nosso amigo, snr. Manuel Telles, illustrado tenente de cavallaria 7, que regressou da estação em Africa.

Noticias varias

O dramaturgo Henry Bernstein requereu ao governo francez para que, no caso de uma mobilisação de tropas, o chame com a classe a que pertence. Fará parte de um regimento de artilharia a pé.

——A convite do snr. ministro da justiça, realisou-se na Sociedade de Geografia de Lisboa uma reunião de representantes das forças vivas da nação, para estudo e elaboração dos ante-projectos tendentes a remodelar e uniformisar a legislação portugueza, não só para que ella satisfaça ás aspirações modernas de ordem geral, mas se armonise com o espirito das novas instituições portuguezas.

O snr. dr. Leote abriu a sessão, falando varios oradores.

——Em Ferreira do Zezere, um violento incendio destruiu a casa de habitação do snr. José Maria Godinho.

——Os navios da segunda e terceira esquadra franceza fizeram desembarcar todas as munições e polvora antigas.

——Como uma proprietaria de predios, em Paris, habitados por 420 pessoas augmentasse o preço da renda, reuniram-se os inquilinos, que se recusam a pagar o augmento, e formaram um sindicato de inquilinos que se propõe organisar a resistencia contra a proprietaria

——Nos tribunaes de França está sendo adotada grande energia na applicação de penas aos individuos que por questões de pequena importancia fazem uso de armas de fogo na via publica.

——Na linha de Oeste, perto de Nantes deu-se um embate de comboyos, morrendo 4 empregados e ficando feridos 2.

O chefe do serviço de titulos da Companhia do Suez, em Paris, fugiu, tendo feito um desfalque de cerca d'um milhão de francos.

——Por uma conversa que teve Luisa de Saxe com um jornalista, em Bruxelas, deprehende-se que a curiosa ex-princeza, cuja ultima aventura foi a publicação das suas memorias, alimenta a esperança de ser um dia admittida na côrte da Saxonia, em vista de não considerar valido o seu divorcio.

——Reuniu no dia 5 em Nimes o 11.º congresso annual do partido radical socialista francez.

——Regressou a Paris o aviador Bregi, que em Marrocos fez algumas excursões no seu aeroplano.

——Realisou se no dia 6 no Hypodromo de Londres uma representação de gala a favor das familias das victimas do «Liberté».

——Em S. Pedro do Sul manifestou-se incendio em casa de um agricultor que, na occasião, estava ausente. Morreram queimadas tres crianças.

——Manifestou-se um violento incendio perto de Queluz. Não consta ter havido victimas.

——Foi inaugurado na freguezia de Santa Izabel, Lisboa, um balneario no edificio da Assistencia Infantil.

OS TRAIDORES

Na Fronteira

A campanha de Vinhaes

Mais prisões

As ultimas noticias da fronteira, até hontem chegadas, são estas:

De 4 para 5, os traidores, em numero de 800 ou 1:000 homens commandados por Paiva Couceiro, entraram pela serra de Montesinho e dirigiram-se a Espenhosella, onde descançaram. D'ahi seguiram para Vinhaes, d'onde tencionavam marchar sobre Bragança.

O destacamento de infantaria e a guarda fiscal em numero de 70 homens, sob o commando do capitão Andrade, retiraram na frente dos traidores, esperando reforços idos de Chaves e Bragança, onde logo que se soube da incursão as tropas tomaram posições, guardando essas praças.

No dia 5, o destacamento, sempre em retirada, começou a incommodar a columna paivante, travando combate que durou cerca de uma hora, sem que os nossos soldados tivessem baixas. Os conspiradores entraram em Vinhaes, proclamando a monarchia n'essa villa, tomando conta do telegrapho e soltando os presos. O nosso destacamento continua a retirar, até que encontrou um esquadrão de cavallaria ido de Chaves.

No dia 6, a nossa força avançou sobre Vinhaes, tomando a villa aos conspiradores que retrocederam. E' hasteada na villa novamente a bandeira republicana, com todas as honras.

No dia 7, o batalhão do 24 de infantaria, de Aveiro, comandado pelo snr. major Peres, partiu de Bragança para Vinhaes em reforço das tropas republicanas.

Os conspirantes, n'um reconhecimento operado pela cavallaria, foram vistos na serra da Corôa, travando-se combate, em que os paivantes tiveram muitas baixas e em que ficaram feridos o tenente Pereira, do 8 de cavallaria, aquartelado em Aveiro, com uma bala n'um braço, e o alferes Quaresma, do 6 de cavallaria, ferido n'uma perna.

De Vinhaes, ao meio dia, expede o major Peres telegrammas para o quartel general e para Aveiro dizendo partir com o batalhão ao encontro dos traidores, que continuam aproximando-se da raia, retirando.

No dia 9, chegam ao theatro de operações mais tropas republicanas que procuram realisar o movimento envolvente o que é difficil pois os conspirantes estão em communicação com territorio hespanhol.

No dia 10, os paivantes perseguidos pelas nossas tropas, abandonam o sitio de Pinheiros, internando-se grande numero em Hespanha.

São aprisionados alguns e aparecem varios desertores da columna couceirista.

Sahe de Salgueiros o batalhão do 24 continuando a perseguição aos paivantes. Sahem em direcção a Vinhaes 400 marinheiros.

Os conspirantes abandonaram as posições de Ribeira Velha e Villarinho, continuando a debandar para Hespanha.

A' noite consta em Aveiro que elles soffreram um rude ataque das nossas tropas, sendo destroçados.

A *Liberdade* recebe e afixa em *placard*, ás 8 horas da noite, um telegramma do Major Peres, dizendo haver nas suas tropas o maior enthusiasmo e continuarem a marcha contra os paivantes.

* * *

Hontem partiram mais tropas para a campanha.

* * *

Os conspiradores de cá

Têm continuado no Porto e n'outros pontos as prisões dos conspiradores. Em Agueda e Oliveira do Bairro proseguem as deligencias. Hontem foi passada uma busca á casa do visconde de Bustos.

O parlamento vae reunir para resolver sobre o rapido julgamento dos conspirantes.

Os presos continuam a ser internados nos fortes de Lisboa.

Consta-nos que no districto de Aveiro se vão fazer deligencias sensacionaes.

O novo ministro da guerra

Por divergencias com os seus collegas do ministerio deixou a pasta da guerra o general Pimenta de Castro.

Substituiu-o o tenente-coronel e deputado, comandante da policia de Lisboa, snr. Alberto Carlos da Silveira, que é tambem um official distincto.

EDITOS

(1.ª publicação)

POR este Juizo de Direito, escrivão Marques, correm éditos de 30 dias a contar da ultima publicação d'este annuncio, citando Mr. Pierre E. Bernard, casado, morador em Lisboa, rua do Alecrim, n.º 10, 3.º andar, mas actualmente em viagem no estrangeiro, para no praso de 10 dias decorridos 15 depois de findos os éditos e como administrador, director e representante em Portugal de Lá Compagnie Française pour la construction et l'exploitation de Chemins de Fer á l'étranger, concessionaria do Caminho de Ferro do Valle do Vouga, pagar no cartorio do referido escrivão a quantia de 115$520 réis proveniente de custas e sellos em que a dita companhia foi condemnada no processo de expropriação por utilidade publica e urgente que ella moveu contra Manuel Francisco Athanazio de Carvalho e mulher, de Requeixo; ou vir nomear á penhora bens sufficientes para tal pagamento e das custas e sellos que accrescerem, sob pena de se devolver ao Agente do Ministerio Publico o direito da nomeação como exequente e de proseguir nos termos da execução até final.

Aveiro, 15 de Agosto de 1911.

Verifiquei.

O Juiz de Direito,

Regalão.

O Escrivão,

Francisco Marques da Silva.

A Colossal
DE
Mamodeiro

—(*)—

Fazendas, mercearias, muidezas, tintas, oleos e ferragens.
Grandes depositos de adubos chimicos para todas as culturas.
Arames para ramadas. Arames farpados para vedações.
Sulfato de cobre e enxofre.
Cimento **Portland.**
Batata de 1.ª qualidade para sementeiras, e muitos outros artigos.

Virgilio Souto Ratola

Bicycletas, Relojoaria e Accessorios

Officina de concertos e pintura. AGENTE da melhor bicycletta ingleza

HOBART

Alugueis de bicycletas. Concertos em relogios.

POMPILIO RATOLLA
AVEIRO

Francisco A. Meyrelles

Praça Luiz Cypriano
AVEIRO

Armazem de mercearia

Generos de primeira qualidade
Vinhos finos e licores
Especialidade em Chá e Café
Figo do Algarve

Agua do Barreiro
(BEIRA ALTA)
(Na Serra do Caramulo)

Unico remedio natural que cura radicalmente a ANEMIA, a CHLOROSE, as doenças do estomago, etc., etc., como se pode provar com attestados da maxima confiança que se acham patentes ao respeitavel publico no deposito geral.

RUA GARRETT, 76 E 78

Unico agente em Aveiro

FRANCISCO MEYRELLES

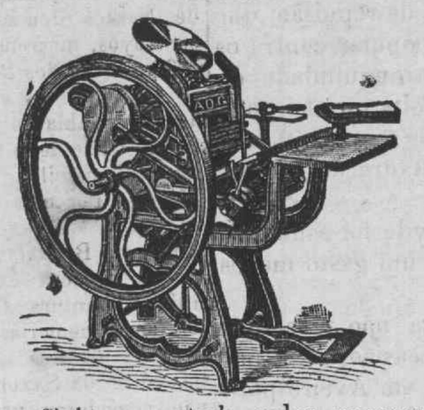
COLLEGIO MODERNO

PRAÇA MARQUEZ DE POMBAL
AVEIRO

A direcção d'este collegio, montado nas melhores e mais modernas condições pedagogicas, de hygiene e de conforto, para o que possue pessoal habilitado e casa no ponto mais salubre da cidade, recebe todas as meninas que procurem casa de educação e ensino, garantindo-lhes a melhor installação e as melhores condições de aproveitamento.

TYPOGRAPHIA SILVA
(a vapor)

LARGO DO ESPIRITO SANTO
AVEIRO



N'esta officina, montada pelos processos mais modernos, com material nacional e estrangeiro, executam-se com a maxima perfeição e rapidez todos os trabalhos concernentes á arte typographica, taes como: — jornaes, livros, memoriaes, memurandus, cartões de visita, circulares, prospectos, recibos, facturas, enveloppes, relatorios, e todos os impressos para uso das repartições publicas, juntas de parochia, etc.

Modicidade de preços

Toda a correspondencia deve ser dirigida a José da Silva, administrador da *Vitalidade*, Aveiro.

ESTAÇÃO DE VERÃO

Elite Aveirense

Eduardo Augusto Ferreira Osorio

R. MENDES LEITE, 13 A 21 = R. DOS MERCADORES, 56 A 70

AVEIRO

Tem a honra de participar ás suas ex.mas clientes que tem em exposição no seu esta belecimento todo o seu numeroso sortido para a presente estação:

Tecidos d'alta novidade, em algodões, lãs e sedas, para vestidos. O maior e mais completo sortido em tecidos leves d'algodão em cassas, cambraias, voies, baptistes, foulards, nanzuckes, zephires, pamanás, fustões, etc., etc.

Numeroso sortido em cintos de pellica e d'elastico, luvas, mitaines, bluses bordadas, saias de baixo, sombrinhas em seda e algodão, colletes espartilho, meias, piugas, leques, sedas, ruches, tulles, gazes, plinés, rendas e muitos outros artigos proprios da occasião.

Sabonete IRENE, exclusivo da casa, a 100 réis.

CAMISARIA = GRAVATARIA

ESTAÇÃO DE VERÃO

A ELEGANTE

Fazendas e modas
Camisaria e gravataria
DE

POMPEU DA COSTA PEREIRA

Rua de José Estevam, 52 e 54
Rua de Mendes Leite, 1, 3 e 5

AVEIRO

O proprietario d'este estabelecimento participa ás suas Ex.mas clientes e ao publico em geral, que acaba de receber um enorme e variado sortimento de fazendas e outros artigos proprios da presente estação.

Preços modicos

Ricardo da Cruz Bento

PRAÇA DO PEIXE
AVEIRO

Estabelecimento de mercearia, azeite, bolachas, vinhos finos e de meza.

Breu preto, louro e cru.
Azeite de peixe.
Utensilios para amanho de barcos.
Cordoame e poleame.

Licores e aguardente.
Papelaria,
objectos de escriptorio
e diversas miudezas.

A Liberdade

JORNAL REPUBLICANO D'AVEIRO

Nada se publica referente á vida particular do cidadão.

Assignaturas

Anno (Portugal e colonias) . .	1$200 réis
Semestre. . .	600 »
Brazil (anno) moeda forte . .	2$500 »
Avulso . . .	20 »

Annuncios

Por linha . .	40 réis
Repetições . .	30 »
Communicados .	20 »

Permanentes — contracto especial.

Hotel Cysne

Rua 5 d'Outubro
AVEIRO

Magnifica instalação. Casa apropriada, junto á ria.
Asseio e limpeza.
PREÇOS MODICOS

"ULTRAMARINA,,

COMPANHIA DE SEGUROS
CAPITAL 500:000$000 réis

Seguros maritimos e terrestres.
Seguros postaes.

Agente em Aveiro,
A. H. Maximo Junior.
Rua Direita— AVEIRO

DEPOSITO DE MOVEIS, COLCHOARIA E MARCENARIA
= DE =

Francisco Casimiro da Silva

COJO — AVEIRO

——=(*)=——

Sortido completo em mobilias, louças, camas, tapetes, etc.

Officina montada para execução de colchões, com pessoal habilitado.

Todos os artigos para mobilar casas.
Officina, a melhor no genero, de marceneiro.

Executa-se qualquer mobilia por catalogos.

Espelhos e christaes = Louças finas e bijouterias.

Preços modicos

MERCEARIA E CONFEITARIA

Especialidade em vinhos do Porto e Madeira, cognacs e outras bebidas.

Variado sortido de fructas seccas, queijos e chocolates.

Bolachas nacionaes e estrangeiras.
Chá e café de qualidade superior.

DOMINGOS PEREIRA GUIMARÃES

Rua José Estevam—AVEIRO

ALBERTO JOÃO ROSA

RUA DIREITA
AVEIRO

GRANDE ARMAZEM DE DROGAS E FERRAGENS

Tintas e oleos de primeira qualidade.
Vidraça, cobre, chumbo e arame.
Adubos chimicos e organicos.
Sulphato e enxofre.

NOVA ESTANTE DE PEDAL
COM
FRICÇÕES DE ESPHERAS D'AÇO
O MELHORAMENTO MAIS UTIL QUE PODIA DESEJAR-SE

NÃO CABEM JÁ NAS MACHINAS PARA COSER

SINGER

MAIS APERFEIÇOAMENTOS NEM MECHANISMO MAIS EXCELLENTE

MAXIMA LIGEIREZA.
MAXIMA DURAÇÃO.
MINIMO ESFORÇO NO TRABALHO.

AVEIRO—Avenida Bento de Moura; **ILHAVO**—Praça da Republica; **OVAR**—Rua Elias Garcia, 4 e 5.